



Fronteiras sociais e tecnológicas de um Brasil futuro: Expressões da ficção científica “tupinipunk” em *Uma História de Amor e Fúria e Bacurau*

Palavras-Chave: tupinipunk; cinema nacional; análise filmica, gêneros cinematográficos

Autores(as):

Beatriz Barcella, IA – Unicamp

Prof. Dr. Alfredo Suppia (orientador), IA – Unicamp

INTRODUÇÃO:

O presente projeto surge a partir do interesse em investigar o campo da ficção científica brasileira, gênero ainda majoritariamente associado a grandes produções hollywoodianas repletas de efeitos especiais, o que se deve em parte também pela relativa pouca idade de sua consolidação em território nacional, tanto ao se tratar de produções mais originais quanto de seu estudo e investigação teórica, expressivos principalmente a partir dos anos 80-90. Neste contexto de maior produção e popularização da ficção científica nacional, observa-se entre escritores do período a ascensão de uma tendência fortemente ligada ao movimento cyberpunk - muitas vezes como paródia -, a qual seria posteriormente estudada por Roberto Causo e nomeada “tupinipunk”.

O “tupinipunk” seria, portanto, um subgênero genuinamente brasileiro - como sua própria nomeação já indica -, que oferece um futuro construído a partir da perspectiva de um país colonizado, não tão *cyber* quanto *punk*, sendo que a tecnologia nestas histórias se apresenta essencialmente de forma analógica, por meio da reinvenção de corpos físicos, mais do que com a presença de um ciberespaço e suas redes de dados. Ainda é alinhado à contracultura *punk* e sua contestação de estruturas capitalistas, fortemente ligado à antropofagia brasileira (o “Manifesto Antropófago” de Oswald de Andrade e seus desdobramentos, a partir da Semana de 22), sendo marcas do subgênero enredos que apresentam conspirações e tramas políticas ligadas a grandes corporações e poderes estrangeiros, em confluência com governos locais, que estabelecem seu domínio se utilizando de tecnologia mais avançada do que a acessada pela população geral, por exemplo.

O “tupinipunk” sobrevive e se adapta às demandas do século XXI, expandindo-se para além da literatura e se manifestando também, por exemplo, no audiovisual. Neste contexto se encontra o objetivo principal desta pesquisa: investigar as marcas deste subgênero no cinema nacional recente ou contemporâneo, mais especificamente em dois filmes selecionados, a animação *Uma História de Amor e Fúria* (2013), de Luiz Bolognesi, e *Bacurau* (2019), de Juliano Dornelles e Kleber Mendonça Filho.

METODOLOGIA:

Tratando-se de uma pesquisa que propõe abarcar e comparar a ficção científica brasileira em suas manifestações literária e cinematográfica/audiovisual, seu desenvolvimento teve início através de um aprofundamento nos textos teóricos já existentes acerca do gênero, principalmente para delimitar suas fronteiras e diferenciá-lo da fantasia e do realismo mágico, registros mais frequentemente debatidos e reconhecidos por se associarem ao Brasil e à América Latina, utilizando principalmente as discussões propostas por Todorov (2010), no campo do fantástico, além de Adam Roberts (2000) e o *Transrealist Manifesto*, de Rudy Rucker (1983).

Tendo estabelecido os contornos da ficção científica como gênero, em sequência explorou-se a história da ficção científica no Brasil e, mais especificamente, na literatura brasileira, com base principalmente em Roberto de Sousa Causo (2003) e Nelson de Oliveira (2018). Adotou-se como ponto de partida a organização proposta por Causo (2003) e Oliveira (2018), que divide a história da literatura brasileira de ficção científica em três “ondas” – sendo que a gênese do tupinipunk se situa durante a segunda onda, na década de 1980. Além dessas três “ondas”, pretende-se referir à ainda controversa quarta onda, que também será usada como contexto para o *corpus* fílmico.

Logo, o próximo passo foi realizar um aprofundamento primeiramente do conceito de cyberpunk enquanto subgênero da literatura de ficção científica, compreendendo suas tendências principais que serão “abrasileiradas”, exacerbadas ou mesmo usadas como antítese em seu correspondente nacional. Em seguida, passa-se ao aprofundamento no próprio tupinipunk – já brevemente discutido na introdução –, com base principalmente nas produções teóricas de Roberto de Sousa Causo, que cunhou o termo (1995; 1996; 2015), e M. Elizabeth Ginway (2015; 2020), que o estudou o termo e ajudou a aprofundá-lo, posteriormente. Causo, em seu primeiro texto acerca do tupinipunk, fornece descrições precisas de suas principais marcas e diferenças em relação ao cyberpunk, resumidas na tabela a seguir. A tabela abaixo tem função meramente ilustrativa e operacional do conceito “tupinipunk”. Convém salientar que uma obra tupinipunk não precisa corresponder a todas as características descritas abaixo, apenas a suficientes para gerarem efeito similar.

Tabela 1

CYBERPUNK	TUPINIPUNK
Temas – motivos	
Internacionalização/multiculturalismo	Sincretismo
Revolução informática	Deslumbramento tecnológico*
Corporações multinacionais	Cultos afro/orientais
Implantes	Ambiguidade física/simbiose
Marginália técnica	Presenças étnicas individuais
Ciência dura (extrapolação embasada)	Ciência referencial (só no plano da citação)
Sexo*	Sexo enfatizado
Violência	Violência enfatizada
Ironia	Sarcasmo
Tribalismo cultural	Referências pop/anos 60-70
Estilo	
Prosa fragmentada	Prosa fragmentada/cubista

Saturação referencial	Saturação referencial
Personagens atenuadas	Personagens mais atenuadas
Tradição	
FC hard/new wave	Antropofagia modernista e FC*
Pós-modernismo	Modernismo/pós-modernismo

(CAUSO, Roberto. In. Zanzalá v.8, n. 1 (2021), p. 108-109)

*O que estiver sinalizado com asterisco é um elemento atenuado.

Por fim, com base na tabela e no conhecimento adquirido acerca do tupinipunk, foi realizada análise fílmica detalhada de *Bacurau* e da porção final de *Uma História de Amor e Fúria*, ambientada em um Rio de Janeiro futurista e distópico. O principal objetivo da análise foi encontrar marcas do tupinipunk presentes nos filmes para debater a adequação de tais tendências ao audiovisual brasileiro.

RESULTADOS, DISCUSSÃO E CONCLUSÕES:

Ao apresentar o tema do projeto para diferentes tipos de público, reações frequentes envolvem questionamentos como: mas existe ficção científica no Brasil? Entretanto, talvez uma pergunta mais pertinente para este estudo seria: mas existe ficção científica brasileira? Existiriam histórias de ficção científica claramente permeadas pelas especificidades nacionais? Este ponto de partida torna a discussão sobre o gênero mais adequada para o trabalho aqui proposto, sendo que os filmes escolhidos possuem essas características, com alguns exemplos acerca de suas construções semiológicas e narrativas, além de características correspondentes à tabela 1 que reafirmam seu enquadramento ao subgênero, citados abaixo.

Uma História de Amor e Fúria retrata um Rio de Janeiro em 2096, quando a desigualdade socioeconômica já historicamente marcante no Brasil é elevada a extremos, transformando a baixa Rio de Janeiro em um grande complexo de favelas oprimido por milícias e criando literalmente uma cidade à parte para a população das classes mais altas, construída acima da metrópole original; além de um dos próprios motivos do filme pertencer à cultura Tupinambá: apresentando características como o deslumbramento tecnológico, presenças étnicas individuais, ciência referencial, sexo e violência enfatizados. Em *Bacurau*, uma cidade pequena no sertão de Pernambuco, que dá nome ao filme, em um futuro de data incerta - mas provavelmente muito próximo da atualidade -, tem seus habitantes tornados alvos de invasores estrangeiros, em acordo com o governo coronelista local, os quais claramente possuem tecnologias muito avançadas em comparação com a população pernambucana, construindo um futuro global que aparenta perpetuar desigualdades entre países de “primeiro mundo” e “terceiro mundo”, em que alguns seres humanos seriam menos humanos que outros. Essa oposição se manifesta, por exemplo, no sincretismo, na ambiguidade física – traço importante para a personagem Lunga –, em presenças étnicas individuais, ciência referencial, sexo e violência enfatizados, em personagens mais atenuadas – não há protagonista, o contexto, o lugar, a comunidade e a narrativa são os protagonistas.

Tratando-se de obras do século XXI, mais especificamente dos anos 2010, foi evidenciado um possível anacronismo ao associá-las a uma tendência surgida nos anos 1980, por mais que ainda possa ser reconhecida. Contudo, o próprio Roberto Causo corroboraria com a associação ao escrever para a revista Zanzalá (v. 8, n. 1, 2021) em *Ainda o tupinipunk, muitos*

anos depois e O Estado da Arte: Ficção Científica Tupinipunk sobre sua perplexidade ao compreender a permanência do subgênero no século XXI, graças principalmente à sua ligação com a cultura modernista, além de acrescentar discussões sobre suas mudanças ao longo dos anos, declarando que “O tupinipunk se renova com esse desenvolvimento original e não antecipado, e com um conteúdo de condenação política mais incisivo e menos conciliador” (CAUSO, p. 104, 2021). Desta forma, é possível identificar uma manutenção do subgênero através das ondas da ficção científica brasileira, tendo surgido durante a segunda, nos anos 1980-1990, segundo Causo, ainda com uma postura mais conciliadora: “[...] acomodando tensões sociais e culturais sob a forma de alegorias carnavalescas e batuques estilísticos” (CAUSO, Roberto. In. Zanzalá v.8, n. 1 (2021), p. 118), para resistir até a quarta onda – ainda não totalmente consolidada dentro da teoria, mas definitivamente com particularidades marcantes que se adequam ao objetivo desta pesquisa –, que tem seu início justamente a partir do final dos anos 2000 para o começo dos 2010.

Estar inserido na quarta onda da ficção científica brasileira significa também considerar o quadro de avanços dos movimentos sociais, mais do que da própria tecnologia, abarcando representações mais plurais e diversas. Principalmente se tratando de uma nova fase do gênero no qual surgem e/ou se afirmam subgêneros como o afrofuturismo, o sertãopunk, o amazofuturismo; além de serem também produzidos por autores negros, LGBTQIA+ e de fora do eixo sul-sudeste, por exemplo. Tais mudanças não implicam somente nas temáticas de suas histórias, mas também na própria construção narrativa através de uma postura mais combativa e menos conciliadora – como aponta o questionamento de Causo – dos personagens se apoderando da tecnologia, enquanto em fabulações anteriores a ciência e a tecnologia costumava ser acessível apenas às elites e aos opressores. Com respeito aos filmes analisados: na animação de Luiz Bolognesi, Janaina e seu grupo se infiltram no prédio de uma grande corporação – “Aquabras”, monopolizadora da água potável – para matar seu CEO e transmitir pela televisão para a população, equipados com dispositivos *high tech*. Por sua vez, em Bacurau, a população da cidade pernambucana supera os planos dos estrangeiros, por meio da resistência popular organizada e tecnologias autóctones, diferentes das empregadas pelos invasores.

É perceptível, portanto, que os resultados da investigação apontam para uma expansão não somente temporal e narrativa do subgênero literário definido como tupinipunk, mas também para sua expansão em termos de linguagem. Atinge a produção cinematográfica, que, possivelmente com parte da responsabilidade vinda da própria condição estética exigida pelos baixos orçamentos do audiovisual brasileiro – em comparação com as grandes indústrias cinematográficas –, constroem futuros que verdadeiramente refletem as consequências iminentes de um país colonizado, marcado por exploração, escravidão, ditadura e imperialismo, evidenciando disparidades também tecnológicas que viriam como consequência. Até mesmo no caso da animação de 2013, produzida em um material que possibilitaria maiores “delírios” – e realmente possui parte de sua estética muito semelhante ao *cyberpunk* –, ainda mantém claras as disparidades ao explicitar que, no futuro criado no enredo, em 2096 as classes altas do Rio de Janeiro ligadas às corporações multinacionais estariam vivendo uma revolução tecnológica digna de filmes hollywoodianos, enquanto as classes mais baixas seguiriam vivendo em 2023.

BIBLIOGRAFIA

- AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **A Análise do Filme**. 3ª edição, Lisboa: Texto & Grafia, 2004.
- CAUSO, Roberto. **Ondas nas Praias de um Mundo Sombrio: New Wave e Cyberpunk no Brasil**. São Paulo, 2013.
- CAUSO, Roberto. Vale-tudo. In: **Duplo Cyberpunk: O Consertador de Bicicleta/Vale- Tudo**. São Paulo: Devir Livraria, 2010.
- DE OLIVEIRA, Nelson. **Fractais tropicais: O Melhor da Ficção Científica Brasileira**. São Paulo: SESI-SP, 2018.
- DE SÁ, Alan; DINIZ, G. G.. **Sertãopunk: Histórias de um Nordeste do Amanhã**. eBook, 2020.
- DUNBAR, David Lincoln. **Unique Motifs in Brazilian Science Fiction**. Arizona: The University of Arizona, 1976.
- FAWCETT, Fausto. **Santa Clara Poltergeist**. Reedição, Curitiba: Arte e Letra, 2014.
- GINWAY, Mary Elizabeth. Metáforas Biológicas e Cibernéticas de Resistência na Ficção Científica Tupinipunk. In: **Papéis: Revista do programa de pós-graduação em estudos de linguagens – UFMS**. Campo Grande, vol. 19, n. 38, 2015.
- GINWAY, M. Elizabeth. Cyberpunk from Latin America. In: MCFARLANE, Anna (ed.); MURPHY, Graham J. (ed.); SCHMEINK, Lars (ed.). **The Routledge Companion to Cyberpunk Culture**. Nova York/Londres: Routledge, 2020. p. 294-385.
- GRANT, Barry Keith. **Film Genre Reader IV**. Austin: University of Texas Press, 1986.
- JULLIER, Laurent; MICHEL, Marie. **Lendo as imagens do cinema**. São Paulo: Senac São Paulo, 2009.
- REGINA, Ivan Carlos. **Manifesto Antropofágico da Ficção Científica Brasileira**. 1988.
- ROBERTS, Adam. **Science Fiction**. Nova York: Routledge, 2000.
- RUCKER, Rudy. A Transrealist Manifesto. In: **The Bulletin of the Science Fiction Writers of America**. Enfield, #82, v. 17 #4, 1983.
- STAM, Robert. **A literatura através do cinema, realismo, magia e arte da adaptação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- SIRKIS, Alfredo. **Silicone XXI**. São Paulo: Círculo do Livro, 1985.
- SUPPIA, Alfredo (ed.); LUSVARGHI, Luiza (ed.); GUIMARÃES, Pedro Maciel (ed.); MEDEIROS, Theresa (ed.). **Zanzalá**, Juiz de Fora, v. 8, n.1, 2021.
- TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. 4ª edição, São Paulo: Perspectiva, 2017.